



## A DESUMANIZAÇÃO DA VIDA

**W**ERNER Sombart, o frio e objetivo historiador do capitalismo moderno, cuja obra, em seis volumes, é um monumento de saber, de esforço e de pesquisa, escreve algumas páginas do mais vivo sentimento, quase ao encerrar a sua tarefa no último tomo, sobre o que chama a "desumanização da empresa". Diz ele, fazendo a distinção comum na filosofia alemã, entre alma (Seele) e espírito (Geist), que na empresa moderna, substitui-se a alma pelo espírito; coloca-se o que há de racionalizado, de automatizado, de numerado, no lugar do que antes era emoção, vida e espontaneidade. Revolta-se contra os chamados métodos racionalistas, da produção pela produção, em busca de melhores índices quantitativos e maiores lucros para o organismo empresário.

Tudo se despersonaliza nesses processos. As empresas deixam de ser de propriedade de um só, para passar às mãos de alguns ou numerosos acionistas, que não as podem administrar pessoalmente, com o carinho e o cuidado das coisas que lhes são íntimas, fazendo parte de sua própria personalidade. As ligações que mantêm com a sociedade de capitais é uma simples ação, um título monetário, que lhes dará direito a dividendos no fim do ano. Suas relações são exclusivamente financeiras, anônimas, em forma de cifrao. Nada mais do que isso. Desaparece a figura da pessoa do antigo patrão, para ficar o conjunto de bens e de coisas. A sua administração é levada a efeito por terceiros, delegados dos acionistas, managers como se chamam nos Estados Unidos. É uma categoria nova de pessoas, que não pertencem rigorosamente a nenhuma das duas classes entre as quais se coloca. Daí havê-los chamado Roethlisberger de masters and victims of double talk (senhores e vítimas de jala dupla).

Mas a pior desumanização se dá no outro lado, naquele de quem presta serviço. Desaparece a pessoa, e em seu lugar surge um número, um algarismo, uma matrícula. Tanto mais evoluída e atual é uma empresa, quanto mais aí se emprega a olerite: tudo automático, mecânico, preciso. O produto não leva a marca de quem o elaborou, que dêle se encontra inteiramente divorciado, não lhe podendo associar a sua individualidade. A produção é de massa e para massa, para que romantismos artesanais de um tempo que já passou?

Vários são os documentos significativos desta tendência do mundo moderno. Vejamos dois deles, bem expressivos. "A medida que aumenta a importância da empresa, escreve Lettner, o mecanismo da administração se complica. A especialização do trabalho administrativo deve então ser impelido a um ponto tal que cada empregado possa ser substituído facilmente e durante a sessão. Nas empresas industriais exploradas em grande escala, os empregados são igualmente, em certa medida, membros entremudáveis da exploração. O princípio de fabricação americano, conhecido pelo nome de "interchangeability of parts", aplica-se igualmente nas grandes empresas organizadas à moderna, à organização do trabalho."

E leia-se agora este documento, publicado em 1908, no Thünen-Archiv, de autoria do grande industrial Alfred Krupp, datado de 12 de maio de 1874, endereçado ao seu conselho de administração: "O que quero obter é que nada seja subordinado à vida ou à existência de uma pessoa determinada; que o desaparecimento de tal ou tal pessoa não conduza ao desaparecimento de um certo saber ou à supressão de uma certa função, que nada de importante aconteça sem que o conselho de administração não o tenha previsto e consentido; que se possa, sem consultar um mortal sequer, ter-se uma idéia exata e completa do passado e do futuro provável da empresa, segundo somente os documentos existentes nos escritórios da administração central...".

Impossível encontrar um atestado mais característico do nosso tempo, em que se mostra ao vivo, sem disfarce algum, a desumanização da empresa, do ambiente do trabalho. Mas, que fazer, se tudo caminha neste sentido, impedido pela própria necessidade de organização e de pressa na produção em massa? Não há tempo a perder, dizem os produtores, embora também houvesse dito o maior dos romancistas de todos os tempos, Dostoiévsky: "Todo o valor do homem consiste em provar a ele mesmo que é um homem e não uma rodagem".